

# DONA FINHA: memórias de uma antiga dona de pensão em Itabaiana - PB (1968-1988)

Flaviano Batista  
Ferreira

Mestrando em História pela  
Universidade Federal da  
Paraíba (UFPB).

Recebido: 20/05/2022  
Aprovado: 28/06/2022

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as marcas de solidariedades e sociabilidades da prostituição feminina na história de Josefa da Silva Pereira, uma mulher negra de 83 anos, conhecida popularmente como Dona Finha por homens que frequentaram seu estabelecimento comercial. Ela relata que sua trajetória profissional foi marcada por dificuldades e lutas, e que para sobreviver teve que construir alianças e derrubar barreiras em uma sociedade extremamente excludente e preconceituosa. Com essas diferenças, teve dificuldades em encontrar seu lugar de pertencimento em uma sociedade predominantemente heteronormativa, cisgênero, branca e elitista. Assim sendo, buscarei relacionar sua história de vida com o conceito de interseccionalidade utilizado por autoras negras, como Carla Akotirene, uma das referências para trabalhos com a temática de gênero, raça e classe social no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

Interseccionalidade; Prostituição; Sociabilidade; Solidariedade.

O famoso carretel  
Um cabaré afamado  
Parecia uma festa  
O povo animado

Quando davam sete horas  
Chegava o trem de Campina  
Sempre na segunda feira  
Carregado de menina (...)

Lembro o coco de roda  
Pastoril de Pabulagem  
As meninas quase nuas  
Era a maior sacanagem

Lembro da rua das Flores  
Cabaré dos bananeiros  
Hermínio puxando o fole  
Parecia um formigueiro<sup>1</sup>

## Introdução

A prostituição feminina vem sendo objeto de estudos no Brasil desde a década de 1980, indo muito além da frase simplista que afirma que a prostituição é a “profissão mais antiga do mundo”. Essa é uma construção simplória, pois “generalizando o termo ‘prostituição’ para denominar práticas sexuais ilícitas desde os primórdios da humanidade, pode ser uma atitude enganadora: armadilha do desejo de manter inalterados os vínculos com o passado longínquo idealizado<sup>2</sup>”

Em Itabaiana, caso os frequentadores dos bordéis fossem pegos em flagrante nesses recintos, ficavam “enrolados” e teriam que explicar para suas mães, esposas e namoradas porque estavam em tais ambientes. Nesse sentido, colocar a prostituição como natural seria algo prejudicial, uma vez que, em cada época, homens e mulheres viveram as “prostituições”<sup>3</sup> ao seu modo. Assim, faz-se necessário um aprofundamento do assunto.

A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo

---

1 Chico Bezerra, 2005, p 9 e 11. Os trechos da poesia foram escritos por Chico Bezerra, que relata, através de suas memórias, momentos marcantes da história de Itabaiana, inclusive os da prostituição dos cabarés da Rua do Carretel e o da Rua das Flores, além de mencionar algumas prostitutas como Daminha, Maria da Garrafa e outras.

2 Margareth Rago, 2008, p. 25.

3 Chamo de prostituições devido as diversas formas de prostituição existente no mundo, porém em nosso trabalho nos deteremos a prostituição feminina.

então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises<sup>4</sup>

A cidade de Itabaiana foi criada pelo Decreto nº 63, do dia 26 de maio de 1891, pelo Governador Venâncio Neiva. Está localizada no agreste do Estado paraibano e tem uma população de aproximadamente 24.500 pessoas, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – de 2010.

Seu progresso acentuou-se no início do Século XX, derivado da chegada do trem e da feira de gado<sup>5</sup> Nesse período, Itabaiana tornou-se um importante centro de comercialização no Estado da Paraíba, favorecendo o processo de modernização e as transformações ocorridas em seu espaço urbano. Segundo Sabiniano Maia, Itabaiana progredia sob o ponto de vista econômico, e a Feira era o meio que alavancava esse progresso. Em 1914 “Itabaiana já era citada como a mais adiantada cidade do interior paraibano, sendo dotada de calçamento, arborização, luz elétrica, água encanada, telefone e jardins”<sup>6</sup>

A riqueza de Itabaiana nas primeiras décadas do Século XX era tamanha que ela foi apelidada orgulhosamente de “Rainha do Vale do Paraíba”, pois contava com um intenso comércio de lojas, farmácias, barbearias e dois cinemas. Ela possuía ares de desenvolvimento e modernização, era muito procurada pelos fazendeiros e negociantes que vinham à cidade para comprar, vender gado e divertir-se nos famosos cabarés de prostituição da Rua do Carretel, que alegravam as noites desses visitantes.

Para Rachel Soihet, existe uma escassez acerca do passado das mulheres e muitos desses vestígios foram escritos por homens, à base de discursos masculinos que determinaram quem eram as mulheres e o que elas faziam. Dessa forma, consideramos a prostituição como algo social e urbano, voltada para o comércio sexual de trocas de favores, em um sistema dotado de poder, com códigos e transgressões morais próprias.

Este trabalho toma como base a História Cultural e os estudos de gênero, por meio dos quais as mulheres tornaram-se sujeitos da História. “Pluralizam-se os objetos de investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história”<sup>7</sup>. Nas últimas décadas encontramos a história das mulheres sendo campo de investigação historiográfica e metodológica articulado a temas variados como família, sexualidades, trabalho, corpo, e neste caso específico, a prostituição feminina observada em perspectiva interseccional.

---

4 Margareth RAGO, 2008, p. 22

5 A criação da feira de gado, de acordo com Sabiniano Maia foi em 1864 e sua extinção ocorreu cem anos depois em 1967. Sabiniano Maia, 1978, p. 137.

6 Sabiniano Maia, 1976, p. 129-130. Vejamos algumas datas relacionadas ao progresso de modernização em Itabaiana: O primeiro calçamento foi implantado em 1905, o sistema de abastecimento com a implantação de chafarizes na rua central em 1912, à luz elétrica no mesmo ano, em 1909 à cidade possuía um sistema precário de telefones, em 1908 foi fundado o Instituto Nossa senhora do Carmo (Colégio que o escritor José Lins do Rego estudou, e retratou o seu cotidiano no Romance literário Doidinho), e 1910 foi inaugurado o cinema da Conceição e Em 1914 os bondes que foram trazidos do Recife.

7 Rachel Soihet, 2011, p. 263.

Para esta proposta, os relatos orais e a memória serão a principal fonte de pesquisa, pois através deles é possível ampliar o conhecimento acerca das experiências e táticas desenvolvidas nos cabarés entre homens e mulheres para burlar as leis e, com isso, se aventurar em momentos de prazer e de dor.

Trabalhar com a ferramenta da História Oral é sobretudo não querer uma história totalizante, o que se torna possível a partir das narrativas diversas; tão pouco provar uma verdade absoluta. É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação desta, procurando articular suas narrativas aos contextos<sup>8</sup>. Assim sendo, entendo que as fontes orais possibilitam trazer à História, sujeitos e/ou testemunhos daqueles que de certa forma foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória, o que é comum no paradigma tradicional.

## Dona Finha e os espaços de sociabilidades, solidariedades e sobrevivência numa casa de pensão em Itabaiana - PB

Parto do pressuposto de que cada indivíduo é um sujeito histórico que compreende e interpreta suas representações particulares do passado. Assim, buscarei trabalhar os conceitos de tempo, memória, espaço e história, uma vez que eles podem caminhar juntos através de uma relação de apropriação e reconstrução do passado através da memória.

A escritora Edna Paiva, no livro *Itabaiana dos meus tempos – Memórias*, narra histórias itabaianenses de A a Z; através dos capítulos narrados de forma saudosista, ela cita personagens que experienciaram em seu cotidiano histórias diversas, envolvendo aspectos políticos, econômicos e socioculturais, no período que ela nomeia como a “belle époque” da cidade, que faz parte do recorte temporal deste estudo.

Ao analisar a obra citada, fica evidente na autora um certo desconforto em um capítulo que ela nomeou “Zona”. Paiva inicia sua narrativa alegando que muitas pessoas desaprovavam esse capítulo, mas que ela não deixaria passar despercebido, uma vez que esses momentos também fizeram parte e marcaram a história local.

O nome carretel devia-se à localização, depois da linha do trem do famoso cabaret, com bonitas ‘meninas’, com o time principal formado por Danda, Mariza, Daminha<sup>9</sup>. Realizavam festas memoráveis como a coroação da rainha Danda enfaixada por suas princesas vestidas de longo branco, verdadeiras rainhas com direito a valsa dançada com os rapazes Claudio Brito, Galeno, Amigo da Onça e Toinho Bione<sup>10</sup>, todos de gravata borboleta. Figura conhecida e de respeito era Nevinha, carinhosamente chamada pela turma de “Madrinha Nevinha<sup>11</sup>”

8 Lucilia Delgado, 2003, p.11.

9 Prostitutas que eram famosas devido a serem bastante solicitadas na pensão de Nevinha Rica.

10 Rapazes pertencentes à elite local da época estudada.

11 Edna Paiva, 2001, p. 99.

Com base na citação acima, questiono quais foram os critérios utilizados para lembrar/esquecer de mulheres que pertenciam ao grupo de marginalizadas na sociedade, uma vez que algumas delas ganharam destaque e são lembradas na memória de uma boa parcela da população local, enquanto outras tiveram suas histórias silenciadas e/ou apagadas pelo tempo, como é o caso da personagem que trarei a seguir.

Para narrar e descrever a história de Josefa – Dona Finha –, utilizaremos como fundamentação teórica os conceitos de “lugar de fala”<sup>12</sup>, da Djamila Ribeiro; de “interseccionalidade”<sup>13</sup>, com base na leitura da Carla Akotirene; e de “escrevivência”<sup>14</sup>, da Conceição Evaristo. São conceitos que contribuirão para trazer à tona uma protagonista que é mulher, negra e pobre<sup>15</sup>.

Sobre o conceito de escrevivência, Evaristo adverte que ele foi criado pensando as memórias das mulheres negras, sendo, portanto, um conceito situado, cuja genealogia deve ser considerada: “Eu estou sempre repetindo de onde nasce esse conceito. Ele não foi criado do nada, é criado inclusive de uma vivência, de uma experiência, de uma condição, de uma memória ancestral, de uma memória histórica<sup>16</sup>. Assim, assumir tal metodologia é destacar uma episteme nascida da experiência negra, nas palavras da autora.

Josefa da Silva Pereira, mulher negra de 83 anos, conhecida como Dona Finha por muitos homens que frequentavam seu estabelecimento comercial. Em suas memórias, ela relata como sua trajetória foi marcada no tempo devido às lutas que ela teve que travar para sobreviver numa sociedade extremamente excludente e preconceituosa.

Carla Akotirene, discute o conceito de interseccionalidade já trabalhado por outras autoras, dentro e fora do Brasil<sup>17</sup>. Para ela, esse entrecruzamento das opressões vividas pelas mulheres negras, em termos de preconceitos de raça, gênero, pobreza, entre outros, potencializa o peso social sobre

---

12 A autora traz para a sociedade diversos feminismos, desmistificando e explicando vários conceitos relacionados ao ser mulher, variantes que se enquadram de acordo com o lugar em que está inserida e o contexto social. Grosso modo, o lugar de fala demarca representações construídas através de relações de poder que perpassam o tempo e o espaço, entre homens e mulheres.

13 Com o conceito de interseccionalidade, abordamos histórias heterogêneas de mulheres negras que são evidenciadas por suas relações sociais e na maioria das vezes sofrem opressões nas quais seria impossível dissociar o racismo e o machismo sofrido por elas ao longo do tempo.

14 Conceição Evaristo apresenta em sua escrita a mistura de vivências de mulheres negras engajadas do movimento social feminista. Suas obras são marcadas por narrativas que contribuíram para a alteridade da cultura negra frente ao silenciamento da voz feminina.

15 No tocante a prostituição e história de mulheres negras, encontramos na historiografia paraibana a dissertação de Rozeane Porto Diniz intitulada *O Farol de Joana Preta: Heterotopia em Olivedos – PB (1940-1970)*. Na obra, ela narra a história de Joana, uma mulher negra e pobre que viveu em uma pequena cidade do agreste paraibano. A autora pesquisou a história intrínseca da relação da personagem com o monumento do farol, e este seria um lugar que Joana encontrou para sobreviver, através de trocas e favores sexuais, dotados de representações e códigos sociais existentes entre seus frequentadores.

16 Conceição Evaristo; Cauane Maia, 2021, s/p.

17 Mesmo sem evocar o termo “interseccionalidade”, cunhado pela afroestadunidense Kimberlé Crenshaw a partir dos últimos anos 1980, autoras como Angela Davis, Lélia Gonzalez, bell hooks e Patricia Hill Collins já vinham trabalhando nessa perspectiva ao tratarem da situação das mulheres negras.

as mulheres negras. E a autora reforça que interseccionalidade é um conceito que surge no coração do movimento negro, sendo depois apropriado por outras mulheres e mesmo outros segmentos - ver também a autora Ana Veiga.

Com as memórias de Dona Finha, tentaremos romper as barreiras das subalternidades que silenciam as histórias de mulheres negras e pobres, isso porque as experiências e lembranças de nossa personagem são diferentes das Nevinhas, Daminhas, e tantas “inhas” que são lembradas nas memórias de muitos cidadãos itabaianenses.

A relação de Dona Finha com Itabaiana inicia-se pelas visitas que ela fazia à cidade, quando solteira, visitas esporádicas, mas que algumas vezes eram demoradas, pois Dona Finha se hospedava na casa de uma comadre chamada Severina. Para custear suas despesas enquanto ficava na cidade, ela trabalhava para famílias ricas, como lavadeira de roupas nas cacimbas do famoso Rio Paraíba<sup>18</sup>.

Por volta de 1966, com apenas 28 anos de idade, tornou-se uma mulher separada e mãe de duas crianças; devido ao preconceito existente na sociedade da época, saiu de seu lugarejo<sup>19</sup> e foi tentar a sorte buscando melhores condições de vida em uma cidade maior, como Itabaiana - PB<sup>20</sup>. Assim sendo, estabeleceu moradia na zona boemia da cidade e posteriormente abriu uma casa de pensão, lugar de onde tiraria proventos para seu sustento e sobrevivência de sua família. A partir dessa virada, com a mudança da cidade, o lugar de fala de Dona Finha passa a ser Itabaiana, no entanto, em outra concepção, como sugere Djamila Ribeiro, o lugar de fala dessa mulher, durante anos dona de pensão, é o de uma mulher negra, habitante de uma região considerada periférica, nos padrões que distinguem o Norte do Sul global.

Em entrevista, Dona Finha relata como tudo sucedeu,

Tudo começou por amizade, lavava roupa de ganho das outras pensão, lavava pratos na pensão pra ganhar uns trocados e algum caldo de feijão, aí com as amigas que tinha casa de negócio (pensão) disse: mas Finha, bota um negócio pra tu. Aí comecei vendendo cachacinha; depois a casa de fulana, Dona... [não recordou o nome da amiga] tava desocupada, porque tinha falecido, aí aluguei e fui pra lá<sup>21</sup>.

Em outro momento da entrevista, quando perguntei por que ela entrou nessa vida, ela deu uma longa risada e respondeu:

---

18 O Rio Paraíba é considerado o rio mais importante do Estado. Ele foi imortalizado nas páginas das obras de José Lins do Rego quando relata as belezas de suas cheias.

19 Dona Finha nasceu em 15 de abril de 1938 no lugarzinho chamado Junco, próximo à atual Barragem de Acauã.

20 A zona Boemia de Itabaiana é composta por bares, bordéis, casas de pensão, casas de comércio. A Rua do Carretel é dividida ao meio, metade tem esses estabelecimentos e a outra metade são casas de moradias de famílias que conviviam amigavelmente com as pessoas que frequentavam esses recintos. O mesmo ocorria na Rua das Flores, onde a maioria das casas eram pequenas e alugadas.

21 Josefa Pereira Entrevista realizada no dia 15 de julho de 2020.

As coisa não era boa, quando cheguei em Itabaiana se eu fosse me empregar nas cozinha dos outros pá dá de comer a esses menino, o ganho não dava, então foi minhas comadres que foi quando eu lavava prato lá [na casa de pensão delas] chegava aqueles homens da rede ferroviária, eu gostei do pai da Maria [filha dela] que era ferroviário e eu fiquei com ele por seis anos, ai foi quando eu fui vendendo uma cachacinha, botando umas mulher lá nos quarto, ai depois eu disse o negócio é aumentar, arrumei uma casa.<sup>22</sup>

Nos relatos acima, atestamos os laços de solidariedades existentes entre as donas de casas de pensão da cidade de Itabaiana - PB. Laços esses que eram fortalecidos no dia a dia através de códigos e condutas que existiam para continuarem sobrevivendo em uma sociedade excludente.

Elas tratavam-se por comadres, como era o caso de Nevinha Rica<sup>23</sup>, Nevinha Pobre, Dedinha, Cristina, Genésia, entre outras que existiram. Eram mulheres de um homem só, tinham seus companheiros; chefiavam seu comércio; eram fortes, bravas, valentes e destemidas, pois enfrentavam qualquer homem que tentasse burlar as leis de seu estabelecimento.

Dona Finha, relata um fato que reforça a ideia dos laços de solidariedade entre as “comadres”; ela informou que foi Nevinha Rica quem a chamou e levou para o então INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) para dar entrada em sua aposentadoria, e posteriormente garantir seus direitos, coisa que aconteceu quando tinha 42 anos de idade, em 1988.

Porém, além dos afetos fraternos, existiam rivalidades e intrigas entre essas comadres, geralmente ocasionados por invejas e disputas de poder, quando uma casa de pensão era mais frequentada e rendia bons lucros para sua dona. Segundo Dona Finha, essas rivalidades nunca levaram às vias de fato, mas eram discussões de “leva-e-traz” entre as “meninas” que faziam rodízio nas casas de pensão<sup>24</sup>.

Foi em uma dessas conversas que chegou aos ouvidos de Dona Finha que a Genésia tinha feito catimbó<sup>25</sup> para ela. Trata-se de uma crença comum entre essas mulheres, de acordo com a entrevistada. “Enquanto Genésia vendia uma caminhoneta de cerveja, eu vendia meia grade. Então fui desfazer o catimbó em Timbaúba – PE, não fui fazer mal a ninguém, ela saiu de junto de mim e depois disso minha casa se abriu”<sup>26</sup>.

As prostitutas começavam a chegar nas casas de pensão nas segundas-feiras, elas vinham de

---

22 Josefa Pereira Entrevista realizada no dia 15 de julho de 2020

23 Nevinha Rica é uma das mulheres mais conhecidas da região quando se fala em cabarés (casas de pensão) de Itabaiana. Ela era uma mulher benfeitora, querida por muitos e apelidada carinhosamente de “madrinha Nevinha”. Segundo Dona Finha, ela possuía muitos bens e sua casa era uma das melhores, pois vendia bebidas caras e vinham muitas meninas de fora. Nevinha Rica era solidária para com o próximo, de acordo com a entrevistada; ela não gostava quando as pessoas a chamavam por esse nome, para não “diminuir” ou menosprezar a outra Nevinha (Pobre), sua amiga.

24 Esse hábito era muito comum quando ocorria a baixa frequência de clientes na casa de pensão de determinada dona. Para não ficarem no prejuízo, as “meninas” buscavam outras casas onde elas pudessem ter mais lucros. Assim sendo, uma tática encontrada para ganhar a confiança da dona da casa na qual elas estavam chegando era utilizar da fofoca como artimanha.

25 De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra catimbó seria o mesmo que feitiçaria, baixo espiritismo, macumba.

26 Josefa Pereira. Entrevista realizada no dia 15 de julho de 2020.

trem para fazer a feira do bacurau e ficavam até as quartas-feiras, quando seguiam para outros lugares. Elas vinham de estados como Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e diversas partes do estado da Paraíba<sup>27</sup>; nos outros dias da semana, a casa funcionava com duas ou três mulheres que moravam perto e ficavam.

Os frequentadores eram turistas e homens que vinham de outras cidades para fazer negócios na feira e na cidade. Assim como as prostitutas, eles também vinham de trem e de diferentes cantos do país.

Segundo Dona Finha, “o dia que mais entrava dinheiro em caixa era da segunda-feira até a quarta-feira, e o restante da semana eram pessoas da cidade”. Eles buscavam bailar com as mulheres, embalados ao som de uma radiola que tocava músicas de Waldick Soriano, Bartô Galeno, Reginaldo Rossi e tantos outros cantores que fizeram sucesso na época. Seus entretenimentos eram regados por cachaça e cerveja; e geralmente terminavam em cima de uma cama, pagando a uma profissional do sexo.

Na divisão dos lucros, a dona da pensão recebia pela bebida que o indivíduo consumisse e pelo quarto destinado ao sexo, enquanto o programa sexual era acordado diretamente com a mulher escolhida por ele, ficando a seu critério acordos pré-estabelecidos favoráveis a ambos.

Em relação ao respeito da região boêmia, Aparecida<sup>28</sup> relata que as casas de pensão existentes na rua do Carretel eram lugares onde não escutavam-se palavrões nem xingamentos, ela lembra que tudo era diferente de hoje, e que quando passava para levar o almoço de sua mãe nas terças-feiras, “tavam os soldados Gil, policial, Zezinho Caixão, Damacena... Quando eles viam que vinha mulher, diziam: ‘oh! cuidado gente, que tá vindo pessoas ai viu?’, para não abrir a boca nem falar palavrão”<sup>29</sup>.

Tais condutas seriam códigos pré-estabelecidos de relações de poder entre seus frequentadores. Durante o dia, funcionavam na Rua do Carretel vários estabelecimentos comerciais, e as pessoas transitavam livremente, sem haver problemas na sociedade local. Nesse período do dia, as prostitutas ficavam dentro das casas de pensões; se quisessem sair, teriam que pedir permissão aos policiais para transitar nas ruas. Deste modo, a vigilância social recaía apenas sobre elas – mulheres, e práticas, que eram escondidas durante o dia.

As prostitutas eram constantemente vigiadas; depois de determinada hora da noite, elas saíam de dentro de casa e as famílias moradoras da rua (principalmente mulheres e crianças) não transitavam mais pela zona boêmia, tendo que fazer um percurso mais longo para ter acesso ao centro da cidade, caso fossem sair de casa.

---

27 Segundo moradores de Itabaiana, as prostitutas vinham de diversas partes do Estado em busca de dinheiro derivado do sexo. Elas deslocavam-se de trens e trilhavam o que chamo de “rota sexual em trânsito”, pois compreendia as cidades onde existiam fortes esquemas de prostituição (Guarabira, Sapé, Itabaiana, Ingá e Campina Grande).

28 Maria Aparecida da Silva Oliveira, 58 anos, filha de Dona Finha, quando criança, dos três aos seis anos de idade, chegou a morar na pensão de sua mãe, depois, visitava-a algumas vezes quando a casa não estava com clientes.

29 Maria Aparecida da Silva Oliveira, entrevista em 15 de julho de 2020.

Por volta de 1988, Dona Finha resolveu fechar as portas de sua pensão, por motivos que acarretaram a queda nos lucros, como a decadência econômica da região. As mulheres arrumavam quarto para morar e transavam com os homens para não pagarem aluguel. As bebidas já não eram tão rentáveis como antes. Logo, cansada, já não aguentando mais noitadas como antes, decidiu sair do ramo, ficando em suas memórias apenas as lembranças boas e más do que foi aquele período da sua vida.

Dona Finha alega que trabalhou a vida inteira, não tinha tempo para diversão, pois, quando pensava em divertir-se, lembrava que iria perder clientes, e como não podia dar-se ao luxo da diversão<sup>30</sup>, preferia ficar no seu trabalho. Com isso, tinha seu sustento semanal garantido. Emocionada, ela relata como foi a experiência de ter visto o mar pela primeira vez, coisa que fez há pouco tempo, em um raro momento bem aproveitado de lazer.

## Conclusão

Dona Finha foi uma mulher forte, sensível, que amou, sofreu violências, e sensibilizou-se com as dores das outras mulheres, pois brigou em defesa daquilo que acreditava. Uma mulher de carne e osso que, além do glamour, teve suas feridas emocionais expostas por uma vida inteira, dotadas de sonhos e frustrações.

Assim sendo, nesse entreposto de disputas de poder, analisamos a casa de pensão de Dona Finha como um lugar de alianças, brigas, crimes e contravenções, uma vez que, para manter a ordem desse espaço social, ela teve que estabelecer pactos entre os personagens que frequentavam seu recinto.

Para sobreviver a essa vida carregada de tensões, utilizou de táticas e estratégias que burlavam as leis vigentes de uma sociedade patriarcal, machista e excludente, tarefa nada fácil para uma mulher negra e pobre que mantinha-se da venda do corpo de outras mulheres nada homogêneas, que, assim como ela, trabalhavam e sobreviviam.

---

30 Ela afirma que ganhou muito dinheiro, mas também gastou, porque tinha que manter seus pequenos luxos - sustentar duas casas alugadas, alimentar a família, dar uma boa educação aos filhos e pagar os impostos - nos quais pensava na aposentadoria no futuro.